

ETERNO PASSAGEIRO, DE RONALDO COSTA FERNANDES

**FERNANDES, Ronaldo
Costa. *Eterno
passageiro*. Brasília:
Varandas, 2004.**

Prefácio de Antonio Carlos
Secchin

por Lígia Cardematori*



* Doutora em Letras, autora de livros, ensaios e artigos sobre teoria da literatura e produção literária, ex-professora da UnB.

Um poeta forte, disse Vico, é aquele capaz de adivinhar-se e ousar o impossível: dar origem a si mesmo. Em *Eterno passageiro*, recentemente lançado, Ronaldo Costa Fernandes, escritor de carreira sólida, dialoga com a tradição, mas consegue afastar-se dela para falar em língua própria. Expõe-se, portanto, à experiência de viver a continuidade e a ruptura.

Poesia marcada pela cisão, traço distintivo da arte contemporânea, encontrará receptividade maior entre aqueles que se reconhecem no exercício de simbolizar pelo verbo criativo os sentimentos de desconcerto e restrição. O título do livro instala a ambigüidade e abriga contradição aparente. Pois, na verdade, eterno e passageiro não estão em posições opostas. Antes, mantêm-se em reversão constante na contramão da lógica. Já na capa, o prenúncio que é do tempo e do incontornável exílio que se trata, e não importa aí a geografia. A noção do tempo instila a morte pressentida e imaginada. E é também imaginária a relação com o espaço, do qual o sujeito poético parece habitar apenas o reflexo fantasmagórico.

Na relação entre tal sujeito e seus objetos não há embate, mas tampouco ocorre conciliação. Transfigura objetos e situações ordinárias – o telefone, a geladeira, o barbear-se – investe-os de características insuspeitadas, estabelece relações inéditas e é assim que são deflagradas significações emergentes no poema, e só nele.

As coisas nomeadas em sua concretude não excluem a subjetividade de quem olha nem ocultam ou descartam emoções. Mas entre o homem e seus circundantes concretos não há interação harmônica, porque sequer é evocação direta o que faz. Os objetos são desconstruídos e refeitos sem alusões ou aura. De fato, ao nomeá-los, o poeta os desembaraça de suas funcionalidades para fazê-los apenas matéria de poesia. Não remetem, necessariamente, à prática humana.

O livro propõe ao leitor que participe desses sentidos novos nascidos de infrações calculadas, transgressões feitas norma e categorias impertinentes. O poeta sabe a seu modo, como Nietzsche, que na vida a discordância é regra e o acorde a exceção. Por isso, diz de si, dizendo de outro, preferir “em vez do trinado a rima rouca”.

A insuficiência do comentário crítico se faz maior quando é de poesia que trata, pois o “poeta só se traduz em sua língua” e essa não é traduzível em outra fala. A poesia é a linguagem em situação extrema, experiência com a potência e a fragilidade dos sentidos atribuídos, e com a fronteira que separa a palavra do silêncio. Talvez por isso possa facear com privilégio a angústia, a falta, o instável e a dispersão. E quando, ao fazê-lo, encanta e expande a vivência tida, teve sucesso o poeta e celebrou-se a poesia.

ONÃO-LUGAR

Lugar tão exaurido
que dele não emana nem a morte,
já que a morte,
existência pela negação,
não pode negar o que não existe.

A cada volta um parafuso a menos,
as palavras sem roscas.

Não é apenas o tempo que me devora.
Há outras bocas:
o amor que tem vários lábios,
o rio da infância que, seco, ainda saliva.

O MOINHO E A BICICLETA

Os olhos pisados
miram as pegadas
daquilo que não se pode ver.

E o moinho pervertido,
em vez de grão, mói sombras.

Gira a bicicleta absurda:
rodas de adeus redundante,
guidão de vontades escuras.

Este vestíbulo não antecede a nada
e não me ante-sala para ninguém.

ANIMAL BARBADO

Este animal que se rasura
como quem raspa a orelha do porco
para a feijoada de fim de semana,
este animal feroz e matutino,

como um auto-retrato,
com seus olhos 3 x 4,
observa a paisagem da janela
e do outro lado do vidro
está ele mesmo,
é ele a paisagem que envelhece
cada vez que a frequenta.
Este homem ao espelho,
gilete de martírios e angústias violáceas,
barbeia seu minuto e sua morte,
exasperada e afiada servidão,
a consciência espumosa da pequena guilhotina.

CINE ÉDEN

No cine Édén, hollywood da Rua Grande,
a leste de coisa alguma,
o mundo tinha a dimensão de
seis metros estirados de pano.

As janelas abertas deixavam ver o céu
como se fosse a tela e os astros
representassem piscando os olhinhos
de gás das estrelas.

Cleópatra se sentava na cadeira de madeira
depois de servir o jantar aos patrões.
E Marco Antônio,
o filho da puta do Marco Antônio,
tinha as mãos calosas de pedreiro.

Ó tempo das imagens fugidias,
o mundo como um grande rolo,
a lata de lixo da História
estava cheia de papel amassado dos bombons
Pippers.

Que viveremos nós depois do
The end da História?